

voltassem a ser os labios de um menino, recitam o "Pae Noso que estais no Céu..."

Fórmas luminosas e aereas arrebatam-no, pela estrada de éter da eternidade e, entre prantos de gratidão e de alegria, o apostolo da ciencia caminhou da grande esperança para a certeza divina da Immortalidade.

21 de Janeiro de 1936.

HAUPTMANN

Na Casa da Morte em Trenton, Bruno Richard Hauptmann desfolha pela ultima vez o seu calendario de recordações. E' de tarde. O condenado sente esvaecer-se-lhe a derradeira esperança. Já não ha mais possibilidade de adiamento da execução, depois das decisões do Grande Jury de Mercer e o caso Wendel representava o unico elemento que modificaria o epilogo doloroso da tragedia de Hopwell. O Governador do Estado de Nova Jersey já havia desempenhado a sua imitação de Pilatos e o Sr. Kimberling nada mais poderia fazer que o cumprimento austero das leis que condenaram o carpinteiro alemão á cadeira eletrica.

Hauptmann sente-se perdido diante do irremediable e chora, protestando a sua inocen-

cia. Recapitula a serie de circunstancias que o conduziram á situação de indigitado matador do Baby Lindbergh e espera ainda que a justiça dos homens reconheça o seu êrro, salvando-o, á ultima hora, das mãos do carrasco. Mas, a justiça dos homens está céga; tateando na noite escura de suas vacilações, não viu senão a ele, no amontoado das sombras.

A policia norte-americana precisava que alguem viesse á barra do tribunal responder-lhe por um crime nefando, satisfazendo assim ás exigencias da civilização, salvaguardando o seu renome e a sua integridade.

E o carpinteiro de Bronx, o olhar mareado de lagrimas, recorda os pequenos episódios da sua existencia: a sua velha casa humilde de Kamenetz, o ideal da fortuna nas terras americanas, a esposa aflita e desventurada e a imagem do filhinho, brincando nas suas pupilas cheias de pranto. Hauptmann esquece-se então dos seus nervos de aço e de sua serenidade, perante as determinações da justiça, e chora convulsivamente, temendo enfrentar os misterios silenciosos da Morte. Paire no seu cerebro a desilusão de todo o esforço diante da fatalidade e, sentindo o escoamento dos seus derradeiros minutos, foge espiritualmente do torvelinho das coisas humanas, para se engolhar nas meditações das coisas de Deus. Suas mãos cansadas tomam a Biblia do padre Wer-

ner e o seu espirito excursiona no labirinto das lembranças. Ao seu cerebro atormentado voltam as orações aprendidas na infancia, quando sua mãe lhe punha na boca os Salmos de David e o nome santo de Deus. Depois disso, ele viera para o mundo largo, onde os homens se devoram uns aos outros, no circulo nefasto das ambições. Suas preces de menino perderam-se, como resto de um naufragio em noite de procela. Ele não conhecera nenhum apostolo e jamais lhe mostraram, no turbilhão das lutas humanas, uma figura que se assemelhasse ao Homem Suave dos Evangelhos. Entretanto, nunca, como naquela hora, sentiu tanto o desejo de ouvir-lhe a palavra sedutora do Sermão da Montanha. Aos seus ouvidos ecoavam as derradeiras notas daquele cantico de glorificação aos bemaventurados do mundo, pronunciado num crepusculo, ha dois mil anos, para aqueles que a vida condenou á miseria e ao infortunio, e uma voz misteriosa lhe segredava, aos ouvidos, da grandeza da cruz, cheia de belezas ocultas e ignoradas.

Hauptmann toma o Psalmo XXIII, repetindo com o Profeta: — “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará”.

O relogio da penitenciaria prosseguia decifrando os enigmas do tempo e o carrasco já havia chegado para o seu terrivel mistér. Cincoenta testemunhas ali se conservam, para pre-

senciarem a cena de supremo desrespeito pelas vidas humanas. Medicos, observadores das atividades judiciais, autoridades e guardas ali se reunem para encerrar tragicamente um drama sinistro, que emocionou o mundo inteiro.

O condenado, á hora precisa, cabelos raspados á maquina e acalça fendida para que a execução não falhasse, entra, calado e sereno, na Camara da Morte. Havia no seu rosto um suor pastoso, como o dos agonizantes. Nenhuma silaba se lhe escapou da garganta silenciosa. Contemplou calmamente o olhar curioso e angustiado dos que o rodeavam, representando ironicamente o testemunho das leis humanas. No seu peito não havia o perdão do Cristo para os seus verdugos, mas um vulcão de prantos amargos torturavam-lhe o intimo, nos instantes derradeiros. Considerando toda a inutilidade de sua ação, diante do Destino e da Dor, deixou-se amarrar á poltrona da Morte, enquanto seus olhos tangiveis não viam mais os beneficios alegres da claridade, mergulhando-se nas trevas em que iam entrar.

Elliot imprime o primeiro movimento á roda fatidica, correntes eletricas anestesiam o cerebro do condenado e, dentro de quatro minutos, pelo preço mesquinho de alguns centavos, os Estados Unidos da America do Norte exercem a sua justiça, não obstante as duvidas tremendas que páiram sobre a culpabilidade do

homem, em cuja cabeça recaiu o rigor de sua sentença.

Muito se tem escrito sobre o doloroso drama de Hopwell.

Os jornais de todo o mundo focalizaram o assunto e as estações de radio encheram as atmosferas com as repercussões dessa história emocionante. Não é demais, portanto, que "um morto" se interesse por esse processo, que apaixonou a opinião publica mundial, não para exercer a função de revisor dos êrrros judiciais, mas para extrair a lição da experiência e o beneficio do ensinamento.

As leis penais da America do Norte não possuam elementos comprobatorios da culpa de Richard Hauptmann, como autor do nefando infanticidio. Para conduzi-lo á cadeira da Morte não prevaleceram senão argumentos dubitativos, inadmissiveis dentro da cultura juridica dos tempos modernos. Muitas circunstancias preponderavam no desenrolar dos acontecimentos e que não foram tomadas na consideração que lhes era devida: a historia de Isidoro Fisch, a ação de Betty Cow e de Violette Scharp, a leviandade das acusações de Jafsie Condon e a duvida profunda empolgando todos os corações que acompanharam em suas etapas dolorosas o desdobramento do processo sinistro.

Mas, em tudo isso, nessa tragedia que fe-

riu cruelmente a sensibilidade cristã, ha uma justiça pairando mais alto que todas as decisões dos tribunais humanos, somente acessível aos que penetraram o escuro misterio da Vida, no ressurgimento das reencarnações.

Hauptmann sacrificado na sua inocencia, Harold Hoffman com o desprestigio politico perante a opinião publica do seu paiz e Lindbergh, heroi do seculo, ídolo de sua patria e um dos homens mais afortunados do mundo, fugindo de sua terra a bordo do "American Importer", onde quasi lhe faltava o conforto mais comezinho, como se fôra um criminoso vulgar, são personalidades interpeladas na Terra pela Justiça Suprema.

Nos mundos e nos espaços, ha uma figura de Argos, observando todas as coisas. No seu tribunal do direito incorruttivel, a Temis Divina arquiteta a trama dos destinos de todas as criaturas. E só nessa justiça pode o homem guardar a sua esperança, porque o direito humano, quasi sempre filho da supremacia da força, é ás vezes falho de verdade e de sabedoria.

Dia virá em que a justiça humana compreenderá a extensão do seu êrro condenando um inocente. As autoridades judiciais não de se preparar para a enunciação de uma sentença nova, mas o processo terá subido integralmente para a alçada suprema da equidade

absoluta. Debalde os juizes da Terra tentarão restabelecer a realidade dos factos, com os recursos de sua tardia argumentação, porque nesse dia, quando Bruno Richard Hauptmann for convocado para o ultimo depoimento, em favor do resgate de sua memoria, o carpinteiro de Bronx, que os homens eletrocutaram, não passará de um punhado de cinzas.

6 de Abril de 1936.

A CASA DE ISMAEL

Um dia, o Senhor, reunindo seus Apóstolos ao pé das aguas claras e alegres do Jordão, descortinou-lhes o panorama imenso do mundo.

Lá estavam as grandes metropoles, cheias de faustos e de grandezas.

Alexandria e Babilonia, junto da Roma dos Cesares, acendiam na terra o fogo da luxuria e dos pecados.

E Jesus, adivinhando a miseria e o infortunio do Espírito mergulhado nos humanos tormentos, alçou a mão compassiva em direção á paisagem triste do planeta, declarando aos seus discípulos:

“Ide e pregai! Eu vos envio ao mundo

como ovelhas ao meio de lobos, mas não vim senão para curar os doentes e proteger os desgraçados.”

E os Apóstolos partiram, no fan de repartir as dadivas do seu Mestre.

Ainda hoje, afigura-se-nos que a voz consoladora do Cristo mobiliza as almas abnega-das, articulando-as no caminho escabroso da moderna civilização. Os filhos do sacrificio e da renuncia abrem clareiras divinas no cipóal escuro das descrenças humanas, constituindo exercitos de salvação e de socorro aos homens, que se debatem no naufragio triste das esperanças; e, se a vida pôde cerrar os nossos olhos e restringir a acuidade das nossas percepções, a morte vem descerrar-nos um mundo novo, afim de que possamos entrvêr as verdades mais profundas do plano espiritual.

Foi Miguel Couto que exclamou, em um dos seus momentos de amargura, diante da miseria exibida em nossas praças publicas:

“Ai dos pobres do Rio de Janeiro, se não fossem os Espíritas.”

E hoje que a morte reacendeu o lume dos meus olhos, que aí se apagava, nos derradeiros tempos de minha vida, como luzes bruxolentas dentro da noite, posso ver a obra maravilhosa dos espíritas, edificada no silêncio da caridade evangélica.

Eu não conhecia somente o Asilo São